



## CIÊNCIAS HUMANAS

**Tecnologia assistiva e envelhecimento no contexto da deficiência visual: um caso de construção de letramentos*****Assistive technology and aging in the context of visual impairment: a case of building literacies***Girlane Maria Ferreira Florindo<sup>1</sup>,  
Sylvana Karla da Silva de Lemos Santos<sup>2</sup>**RESUMO**

Este trabalho parte da seguinte questão: como viabilizar ao sujeito idoso com deficiência visual (DV) atividades de letramento e acesso a conteúdos culturais? Após o desenvolvimento de práticas pedagógicas que proporcionassem às pessoas com DV vinculadas a uma biblioteca específica do Distrito Federal – Brasília, foram propostas práticas de leitura e produção de textos, tendo como mediação recursos diversos de tecnologia assistiva acessível. O público referencial foram as pessoas com deficiência. Contudo, o estudo que se propõe foca num caso em particular que tem por objetivo revelar o resultado de investigação sobre as práticas de letramento vivenciadas por uma idosa com cegueira adquirida desenvolvido no âmbito de questões teóricas que envolvem o contexto da cegueira, da educação inclusiva e da tecnologia assistiva. Os resultados apontam para uma emancipação do sujeito, em contraposição à regulação que lhe é imposta pelo contexto social e familiar.

**Palavras-chave:** Deficiência visual; envelhecimento; atividades de letramento; tecnologia assistiva.

**ABSTRACT**

*This work is based on the following question: how to enable the elderly subject with visual impairment (VI) literacy activities and access to cultural content? After the development of pedagogical practices that provided people with VI linked to a specific library in the Federal District - Brasilia, practices of reading and text production were proposed, using as a mediation a variety of accessible assistive technology. The reference public were people with disabilities. However, the proposed study focuses on a particular case that aims to reveal the research results on literacy practices experienced by an elderly woman with acquired blindness developed in the context of theoretical issues involving the context of blindness, inclusive education and assistive technology. The results point to an emancipation of the subject, as opposed to the regulation that is imposed by the social and family context.*

**Keywords:** *Visual impairment; aging; literacy practices; assistive technology.*

<sup>1</sup> Instituto Federal de Brasília – IFB, campus Taguatinga, Taguatinga/DF – Brasil. E-mail: [gmfflorindo@gmail.com](mailto:gmfflorindo@gmail.com)

<sup>2</sup> Instituto Federal de Brasília – IFB, campus Brasília, Brasília/DF – Brasil. E-mail: [sylkarla@gmail.com](mailto:sylkarla@gmail.com)



## 1. INTRODUÇÃO

O campo dos estudos sobre deficiência consolidou a compreensão da deficiência como desvantagem social, provocando a hegemonia discursiva da biomedicina sobre o normal e o patológico. (DINIZ; BARBOSA; SANTOS, 2009). Durante muito tempo, o conceito de deficiência se dava apenas pelo o que o olhar médico descrevia. Assim, o conceito biomédico enfatizava o dualismo entre deficiência e normalidade, em que os impedimentos corporais foram, e ainda são, alvo de discriminação e opressão. Hoje, contudo, em função da Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência promulgada pela ONU em 2006 e no Brasil ratificada em 2008, há um conceito baseado no modelo social de deficiência, ou seja, a restrição à participação plena é provocada pelas barreiras sociais. Assim, o conceito de corpo deficiente ou pessoa com deficiência devem ser entendidos em termos políticos e não mais estritamente biomédicos. Esse novo conceito vem denunciar a relação de desigualdade imposta por ambientes com barreiras a um corpo com impedimentos.

Apesar de o novo conceito existir para nortear as políticas públicas, inclusive no Brasil, haja vista a ratificação feita da Convenção desde 2008, ainda se observa a máxima no discurso coletivo de que a desvantagem é inerente às condições do corpo. Sobre o corpo deficiente, Diniz (2012) explica que a:

‘Ideologia de opressão aos deficientes’ é uma tradução composta para o neologismo *disablism* em língua inglesa. O conceito de *disablism* é uma analogia ao sexismo e ao racismo. A ideologia que oprime os deficientes supõe que há uma superioridade dos corpos não deficientes em comparação com os corpos deficientes. (DINIZ, 2012, p.10).

É nessa perspectiva que os sujeitos com deficiência visual (DV) têm sido representados pelos discursos visiocêntricos, ou seja, os discursos centrados na hegemonia da visão. Esse discurso contribui para a perpetuação de barreiras na sociedade, as quais mantêm relações assimétricas e desiguais de poder entre indivíduos com DV e pessoas consideradas como normovisuais. Assentados nessa perspectiva, concebemos que a deficiência se encontra, na grande maioria das vezes, na maneira como se constitui e constrói-se a sociedade, e não nas diversidades funcionais que encontramos entre seres humanos com cegueira, com surdez, com paralisia cerebral, dentre outras diversidades. E se considerarmos, para além da cegueira, também a questão da faixa etária?

Le Breton (2011) reconhece o caráter social da velhice e sublinha o estigma socialmente construído sobre ela. Para o referido autor, a velhice, no senso comum, está reduzida ao corpo. O velho é objeto do corpo. A singularidade, a subjetividade e a qualidade humana na velhice são apagadas sob o estereótipo do corpo danificado, do corpo fragilizado, do corpo que precisa de cuidados. O velho não é visto pela sua história, pela experiência vivida. Sua função social deixou de existir.

No que tange às pessoas com deficiência, de um modo geral, e às pessoas cegas, em particular, outras questões sociais precisam ser consideradas como grandes obstáculos à emancipação. Observa-se que elas vivenciam duríssimas situações de desigualdade de oportunidades nas sociedades contemporâneas. De fato, ao contrário



do que muitas vezes se preconiza, o heroísmo individual na adaptação a uma sociedade excludente, organizada sem ter em conta as experiências e as vozes das pessoas cegas, das pessoas idosas, não se pode ter a condição de inserção social ou de cidadania plena. Alterar essa condição é um dos mais importantes desafios sociais e políticos de nossos dias.

Nesse contexto, podemos considerar como as tecnologias informáticas têm sido recebidas, e sobre suas potencialidades como elementos complementares e adjuvantes, investidos em facilitar a disseminação de informação e do letramento. Vivemos em um mundo desigual e injusto, em que 80% das pessoas com deficiência vivem nos ditos países em desenvolvimento. (SANTOS, 2000). Em um mundo em que demasiadas pessoas cegas sequer sabem da existência do braille ou das possibilidades que lhe permitiriam aceder à leitura e/ou continuar no domínio da produção escrita (no caso da cegueira adquirida).

Ainda ao pensarmos no acesso ao conhecimento, contexto que envolve a leitura e a escrita e, se consideramos a leitura como ação ativa e transformadora (e da mesma forma a escrita), devemos considerar que ela está sujeita a restrições, como a escrita está limitada pelos meios disponíveis para produzir signos e pelas restrições do alcance da ação dos leitores em sua reconstrução. Assim, sabemos que o sujeito deficiente visual não dispõe dos mesmos recursos que os videntes para acessar a leitura e a escrita, as suas possibilidades de comunicação sendo limitadas em relação àquelas que o rodeiam, suas oportunidades de participar plenamente da vida política, social e cultural também podem ser limitadas. E, como educadores-pesquisadores, não podemos ignorar as consequências políticas, sociais e culturais (e pessoais, sobretudo) do desagenciamento de pessoas com cegueira e em terceira idade como pressuposto de suas possibilidades de atuação no mundo.

## **2. O PAPEL SOCIAL DA TECNOLOGIA**

A presença das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) nos espaços sociais vêm proporcionando mudanças significativas para as pessoas em relação às novas práticas de comportamento para solucionar problemas e se comunicar. Atualmente, é possível realizar o pagamento de contas bancárias e o agendamento de consultas médicas por meio do celular, o que permite a autonomia dos indivíduos devido à facilidade para o acesso e uso de equipamentos tecnológicos e de aplicativos móveis, criando-se um ambiente digital baseado em conteúdo disponibilizado em formatos variados, principalmente imagem e vídeo, além da predominância textual.

A contribuição das TIC pode ampliar o exercício da cidadania com o aumento da interação entre o cidadão e os órgãos do governo, mediante a criação de canais mais rápidos de comunicação e redução da burocracia no diálogo. (PEREIRA; SILVA, 2010). Esse contexto demonstra a necessidade de compreensão do comportamento das pessoas para que sejam criados produtos adequados para o seu atendimento, uma vez que, de modo semelhante às pessoas com deficiência que encontram “barreiras arquitetônicas, sociais e culturais, as pessoas idosas são discriminadas quando passam a apresentar dificuldades nas habilidades motoras auditivas e até mesmo cognitivas.” (SILVA, 2011, p.26).



Dados da Pesquisa *TIC Domicílios 2016*, coordenada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) e publicada em 2017, permitem conhecer o panorama mais atual do uso das tecnologias na era da Internet pelos brasileiros. A pesquisa investigou hábitos da população brasileira quanto ao acesso e uso das TIC, com indivíduos com idade mínima de 10 anos, residentes em áreas rurais e urbanas em todos os estados do Brasil. Os dados quanto à frequência, os equipamentos utilizados e o local de uso da Internet mostram que houve um aumento, considerando a série histórica de 2008 a 2016, na proporção de usuários que acessaram a rede todos os dias ou quase todos os dias (de 53%, em 2008, para 86%, em 2016). A pesquisa considerou a resposta dos participantes relacionada aos três meses anteriores à pesquisa para denominá-los “usuários da Internet”. (COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL, 2017, p.131).

Em relação à faixa etária de indivíduos que acessam a Internet, aqueles com idade entre 10 e 34 anos atingem um índice superior a 80%, enquanto que na faixa de 45 a 59 anos corresponde a 46%, reduzindo para 19% entre aqueles de 60 anos ou mais, em 2016. Estes indicadores evidenciam os padrões de desigualdades que compõem o cenário de exclusão digital. Dentre os motivos para o não uso da Internet destaca-se a falta de habilidade com o computador (72%). Essa razão foi a mais citada entre os que têm idade entre 45 e 59 anos (78%) e entre os que possuem o Ensino Fundamental (74%), o que pode apontar para as dificuldades que ainda existem e que impedem seu acesso à Internet. Os índices da pesquisa *TIC Domicílios 2016* ilustram as características dos usuários que podem servir como base para o trabalho das equipes de planejamento e desenvolvimento de sistemas.

Bastos (2017) afirma que identificar o perfil dos diferentes usuários da Internet durante o acesso pode contribuir significativamente para que a web seja cada vez mais acessível. Ademais, “além do conhecimento das tecnologias e suas possibilidades, também é necessário compreender o contexto em que se dá o acesso a estes conteúdos e conhecer conceitos, leis e os diversos tipos de deficiências.” (BASTOS, 2017, p.20).

Ao abordamos a questão da acessibilidade, é importante destacar que há de se incluir nessa soma o número de pessoas com deficiência, de idosos, gestantes, lactantes e outras pessoas com “mobilidade reduzida”, seja ela em caráter permanente ou temporário, (BRASIL, 2009, p.9).

## 2.1. TECNOLOGIA ASSISTIVA

Pessoas com deficiência visual ou idosas encontram barreiras no seu cotidiano, devido às características que possuem e que as levam a necessitar de outros dispositivos para auxiliar no desempenho de suas funções. É possível melhorar a qualidade de vida dessas pessoas com soluções voltadas a identificar suas peculiaridades e atendê-las com o uso de dispositivos ou serviços, denominados Tecnologia Assistiva.

O termo “Tecnologia Assistiva”, denominado inicialmente de Ajudas Técnicas, corresponde a:



Área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação, de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social. (BRASIL, 2009, p. 9).

Silva (2011, p.45) aponta que “a visão residual, quando estimulada, desenvolvida e utilizada, poderá ampliar as possibilidades da pessoa [com deficiência visual]”. De modo a prover essa melhoria, algumas tecnologias são indicadas na literatura como mecanismos para auxiliar de forma positiva as práticas de letramento.

1. *Softwares* ampliadores de tela: permitem aumentar o tamanho da fonte e reduzir o incômodo durante a leitura. A impressão em papel com fonte ampliada mostra-se como opção para o atendimento em sala de aula.
2. *Softwares* com contraste: auxilia pessoas com baixa visão para aumentar a percepção do texto e da imagem.
3. Lupas e lentes: serve como auxílio para pessoas com baixa visão e idosos, para maior conforto ao usuário de modo a evitar que este precise flexionar demasiadamente a coluna cervical no momento da leitura. (SILVA, 2011, p.45).
4. Braille: sistema de leitura e escrita tátil que permite o acesso em pontos dispostos em alto relevo. (SONZA; FÉO, PAGANI, 2013, p.84). Embora seja considerado por muitos como um sistema antigo, algumas pessoas com deficiência visual possuem preferência por utilizá-lo e por isso deve ser considerado como opção. Instituições públicas, como o Centro de Ensino Especial de Deficientes Visuais (CEEDV), localizado em Brasília, oferecem cursos para pessoas com DV aprenderem o sistema Braille e disponibilizam algumas publicações em sua biblioteca.

Além dessas tecnologias, experiências demonstram o sucesso com a aplicação de estratégias de leitura e interpretação para atuar com pessoas que possuem dificuldades de aprendizagem na educação profissional e tecnológica. Essas estratégias são apontadas por Sonza, Féo e Pagani (2013, p.136-137) que destacam ações como: reforçar a necessidade de ler em voz alta, utilizar livros com temas de ação ou humor, dispender tempo na leitura e a descrição de imagens, dar atenção ao que pensa o aluno e pelo que demonstra interesse, ampliar textos, retomar a sequência da história e pedir para que conte a história para outra pessoa, entre outras estratégias para ajudar o indivíduo a organizar seu tempo. Ademais, também foram identificadas neste estudo experiências de leitura e escrita proporcionadas pelas tertúlias literárias organizadas e mediadas.

## 2.2. TECNOLOGIA NA TERCEIRA IDADE

Dados do Censo 2010 (IBGE, 2010) apontam para o crescimento da população com 65 anos ou mais, que era de 5,9% em 2000 e passou a 7,4% em 2010. Para Cruz (2012, p.56), “o crescimento populacional de idosos chama a atenção para a questão da incapacidade e de agravos à saúde”. Dessa forma, percebe-se a necessidade de um



planejamento voltado à saúde e à educação para que se possa garantir um envelhecimento com melhor qualidade de vida.

Em uma outra vertente, Tavares e Souza (2012) destacam que a promoção de ações e políticas de inclusão digital serve como forma de fornecer ao idoso a possibilidade de aproveitar uma variedade de conhecimento que atualmente estão disponíveis na web. A oferta de um curso de Formação Inicial e Continuada, voltado exclusivamente para o atendimento das pessoas idosas, é uma das ações promovidas pelo Instituto Federal de Brasília (IFB), localizado no Distrito Federal, Brasil. O projeto de extensão “Informática para a Terceira Idade” (SOUZA *et al.*, 2017) é realizado desde 2016 e tem o objetivo de promover a inclusão digital e a promoção social desse público no âmbito da educação profissional e tecnológica. Em nosso estudo de caso, aqui apresentado, é abordada a experiência de uma estudante deficiente visual desse curso específico, no qual ingressou no segundo semestre de 2018.

### 3. CONTEXTUALIZAÇÃO

Para contextualizar o estudo tratado neste artigo, descrevemos o contexto que nos possibilitou a questão de pesquisa. A atividade de letramento é uma Tertúlia Literária, desenvolvida no espaço de uma biblioteca específica para o atendimento a pessoas com deficiência visual no Distrito Federal. O nosso objetivo principal com esta atividade intervencionista era de verificar como as pessoas com deficiência visual percebiam a prática de letramento das/nas tertúlias literárias. Esta atividade continua em curso.

A tertúlia é um espaço inclusivo por excelência, pois não apresenta hierarquias ou meritocracias e todos os envolvidos detêm a mesma parcela de espaço de fala, em cujos encontros acontecem às sextas-feiras à tarde. Com base nessa premissa, estabeleceu-se as seguintes etapas no desenvolvimento das tertúlias: compreensão da realidade individual dos frequentadores da Biblioteca e os obstáculos a que estão sujeitos dia após dia; apresentação de obras literárias como crônicas, contos, cordéis e poesias preferencialmente da língua portuguesa; proposição de reflexões histórico-geográficas, culturais e linguísticas, além de estabelecer conexões com o cotidiano, vivências particulares, referências e analogias aos seus conhecimentos individuais. As obras literárias são disponibilizadas por meio de audiolivros ou adaptação de obras para áudio e cópia fornecidas em *pen drives* com o objetivo de dar o acesso à leitura dos textos pelos participantes com DV.

Percebemos, logo no início da realização das tertúlias, que o baixo nível de escolaridade, dentre a maioria das pessoas com deficiência visual, não diminui o interesse pelas discussões acerca dos textos lidos. Os participantes apresentaram surpreendente capacidade de comunicação entre si e com os membros da equipe de mediação da atividade, de tal forma que todos conseguiram expressar e transmitir suas impressões, dúvidas, opiniões, conhecimentos particulares e o interesse nas atividades. Com isso, alguns apresentaram imediata reflexividade quanto ao letramento literário e compreensão textual. Identificamos então, como o processo de aprendizagem construído nas atividades da tertúlia influencia no desenvolvimento e na transformação pessoal e/ou social. E assim, ao nos depararmos com uma



predominância de participantes de terceira idade, chamou-nos a atenção, a experiência e a narrativa de uma participante em especial – Dorina.

### 3.1. QUEM É A PARTICIPANTE DA PESQUISA E SUA HISTÓRIA DE VIDA?

Dorina, 62 anos, mulher morena, olhos acastanhados, cabelos sempre presos, geralmente com um prendedor artesanal em forma de flor. Sorridente, mas fica em silêncio, em estado de atenção nos momentos em que participa da Tertúlia Literária. Faz uso da bengala como apoio no deslocamento, o qual desenvolve com significativa autonomia, além de fazer uso de transporte urbano, como ônibus e metrô. Realiza viagens interestaduais sem acompanhante. Mora sozinha em sua casa e tem um filho casado morando no seu lote aos fundos. Participa de atividades de braille e artesanato no CEEDV e foi considerada pessoa com deficiência visual destaque em superação pela Biblioteca Braille “Dorina Nowill”, uma biblioteca específica no ano de 2016. Escrevia poemas por incentivo de uma escritora, colaboradora da biblioteca, e agora escreve poemas em várias situações, como para participar de um concurso ou para homenagear a um professor. Dorina é uma das alunas do curso “Informática para a Terceira Idade”, ofertado pelo Instituto Federal de Brasília.

Durante alguns encontros com o grupo da Tertúlia Literária, escutamos muitos relatos, situações do dia a dia e, de modo especial, histórias de vida (narrativas). As histórias de vida são as maneiras de compartilhar com os outros aquilo que somos e como nos tornamos o que somos. Sobretudo, as pessoas com deficiência visual e ainda, as pessoas idosas têm uma necessidade de compartilhar as suas histórias. Observamos que durante os episódios, palavras foram escolhidas pela participante ao tratar de suas experiências de letramento.

Neste pequeno estudo, a técnica de pesquisa é utilizada para analisar a história de vida de uma mulher de terceira idade e com deficiência visual em relação às práticas de letramento que desenvolve, apesar das barreiras que comumente enfrenta em seu dia a dia e contexto familiar. Esse instrumento de pesquisa qualitativa ajudou-nos a observar como a pessoa compreende sua trajetória de vida, na condição de deficiente visual, e como vincula sua experiência individual ao contexto social. Portanto, solicitamos à participante um recorte de sua história de vida. Como este trabalho é um pequeno estudo, visa enfatizar determinada etapa da trajetória dessa participante em seu processo de construção de letramentos e a relação com a tecnologia e a condição etária. Para trabalhar a história de vida nesse contexto, utilizamos também outros instrumentos de coleta de dados como um grupo focal, do qual a participante atuou em interação com outros informantes de uma mesma atividade de letramento e com a entrevista.

## 4. METODOLOGIA DA PESQUISA

Com base no questionamento “como viabilizar ao sujeito idoso com deficiência visual atividades de letramento e acesso a conteúdos culturais” é que propomos um estudo de caso em busca de uma assertiva.

O estudo de caso não é necessariamente uma questão metodológica, mas a escolha de um objeto (case) a ser analisado/estudado. (STAKE, 1994). Trata-se de um caso em



particular de uma determinada experiência que, no âmbito aqui tratado, não é de uma prática educativa formal, mas que se insere no campo da aprendizagem em contextos não formais. Podemos considerar a experiência aqui abordada como um estudo de caso intervencionista, pois nos permite entender o efeito que a intervenção tem na participante da pesquisa. Para tanto, propomo-nos a escrever um recorte da trajetória de vida/experiência de uma pessoa idosa com deficiência visual.

Quanto à metodologia de análise do corpus, utilizamos a seleção de trechos da transcrição da narrativa e da entrevista relevantes que abrangessem maior incidência das categorias de análise escolhidas.

## 5. RESULTADOS

A análise do presente trabalho adotou quatro categorias analíticas da Análise de Discurso Crítica: a interdiscursividade, operada pelas subcategorias da repetição e do campo semântico ativado; Significado de Palavra/Vocabulário (categorias que evidenciam a função representacional do discurso); a Metáfora (metáforas ontológicas) e a Avaliação (categorias que evidenciam a função identificacional do discurso).

Quanto à escolha das categorias, esclarecemos que “a escolha de que categorias utilizar para a análise de um texto não pode ser feita a priori. É sempre uma consequência do próprio texto e das questões/preocupações da pesquisa” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p.113) e exige um trabalho rigoroso realizado com a ajuda da lente etnográfico-discursiva. A interdiscursividade é, em princípio, uma categoria representacional, ligada a maneiras particulares de representar o mundo.

Para Ramalho e Resende (2011, p.142) “é possível identificar diferentes discursos observando as diferentes maneiras de ‘lexicalizar’ aspectos do mundo”. Pudemos observar uma repetição de palavras, palavras derivadas e/ou sinônimos ou quase sinônimos, também consideradas as mais importantes nos excertos selecionados.

A análise dos dados gerados para este trabalho sugere que a interdiscursividade presente, ou seja, as maneiras como os discursos se articulam entre si, estão diretamente relacionadas às maneiras de representar o assunto referente à participação nas atividades da tertúlia, evidenciadas no campo semântico ativado.

GF\_Dorina (73): Não tenho tempo de arranjar uma pessoa pra ler pra mim. Eu só escuto, eu não sei falar. Não me ponha para falar não. Eu tô aqui na roda de conversa, aí eu presto atenção no que vocês tão falando, aí eu resumo com as minhas palavras no papel. Pra falar assim, pra me expandir assim, que nem o Maurício tá fazendo, tem hora que dá um bloqueio, sabe?

Podemos, assim, associar o vocábulo falar com o campo de significado. Por que a ação de falar (verbo dicendi) - que identifica um processo verbal - é tão enfatizada pela participante? Na entrevista, verifica-se que, principalmente no ambiente familiar, a pessoa com deficiência visual não tem o direito, espaço ou a autonomia de “falar”. Se este espaço não existe ou é ofuscado, o sujeito com deficiência visual não é ouvido. Os deficientes visuais são sempre ouvidos pelas pessoas normovisuais? Em muitos





contextos, inclusive o familiar, a identidade construída do sujeito com cegueira é uma identidade legitimadora.

Segundo Spivak (2000), não se pode falar pelo “subalterno”, mas pode-se trabalhar “contra” a subalternidade, ou seja, criar espaços nos quais o subalterno possa se articular e, como consequência, possa ser ouvido. Ao conhecer a história de *Dorina*, identificamos o papel significativo da tecnologia para uma outra condição de vida. Um caso de libertação, como nas palavras de *Dorina*:

(E)\_Dorina (107): Então como eu moro só, pra eu ficar sozinha em casa [...] Eu tô aqui de repente, me dá um estralo: eu vou ali. Tomo um banho e já tô saindo. Não tem quem me prenda, não quero ninguém pra tá comigo dentro de casa porque não suporto prisão.

*Dorina* relaciona a presença de mais alguém morando consigo a uma possibilidade de prisão e, com base em nossa observação, ela se refere a um parente, que é vidente. O familiar, na maioria das vezes, anula a autonomia da pessoa com deficiência visual, até em seu direito de ir e vir por compartilhar de concepções ainda vigentes acerca da limitação do sujeito deficiente visual (e/ou de idoso) em relação à capacidade de autonomia, escolha, o que é estendido à questão do acesso ao conhecimento por este dá-se predominantemente nos moldes visuais. Haja vista, o vocábulo que mais aparece é *conhecimento/conhecer* (na fala de *Dorina*) ao referir-se ao que a escrita de poemas e a participação na tertúlia significam para ela. Nesse sentido, o campo de significado da ação de falar extrapola a questão verbal propriamente dita. Falar aqui significa ser reconhecido como um sujeito ativo, capaz. Assim, a atividade da tertúlia literária, por sua dinâmica interativa e dialógica, na qual todos têm o direito à fala, sem qualquer hierarquização ou assimetria, possibilita aos participantes com deficiência visual construir o pilar da sua emancipação, em contraposição ao pilar da regulação mantido inclusive no ambiente familiar:

Para averiguar o sentido das atividades da tertúlia literária para *Dorina* também recorreremos à categoria da avaliação positiva. Verificamos a presença sobretudo de adjetivos e advérbios na sua fala:

GF \_Dorina (70) É uma coisa nova pra mim, é um aprendizado melhor, a cada dia a gente vai tendo novos conhecimentos, né?

## 6. CONCLUSÕES

A fala de *Dorina* acerca das atividades de letramento que atualmente realiza no âmbito de uma biblioteca revela a representação positiva dessa prática por meio de afirmações avaliativas explícitas, com as quais se compromete ao reconhecer a oportunidade de seu espaço de fala – a oportunidade de ser ouvida – e de aprendizagem e acesso ao conhecimento. *Dorina* relatou-nos que sua vida mudou após conectar-se com outras pessoas por meio de recursos tecnológicos, como o *WhatsApp*, demonstrando a praticidade e a agilidade no uso de ferramentas digitais na contemporaneidade. (MARQUES; KLEIMAN, 2018). E é por meio deste aplicativo que parte dos textos literários chegam até ela e seus colegas participantes da Tertúlia Literária. Das possibilidades do letramento:



Ao examinar o papel transformador dos textos descobrimos as tensões centrais da mudança contemporânea: novas práticas de letramento oferecem instigantes possibilidades em termos de acesso ao conhecimento, à criatividade e ao poder pessoal; ao mesmo tempo, o mundo social mediado textualmente fornece uma tecnologia de poder, controle e vigilância. Os Estudos do Letramento apresentam uma janela tanto para as possibilidades de humanização como de desumanização da mudança contemporânea. (Barton, 2009 *apud* Magalhães, 2010).

A construção de letramentos proporcionada pela tertúlia é uma ação, um artifício potencial para a superação das relações assimétricas, pois permite que esse elemento ativo seja subsidiado por uma reflexividade crítica. Podemos considerar que os significados construídos e vividos por *Dorina*, em suas atividades de letramento, colocam-na num caminho para uma emancipação, em contraposição à regulação que lhe é imposta pelo contexto social e familiar.

Para a desconstrução do significado negativo atribuído à cegueira e à velhice (ainda presente nos mais diversos contextos e discursos) é preciso que o mesmo seja socialmente contestado, e esta reflexividade pode/deve ser realizada pelos sujeitos com deficiência visual em práticas de letramento, como a de uma Tertúlia Literária. Contudo, esse contato com os textos, o texto lido ou produzido (espaço de fala/encontro/oportunidade/aprendizagem) só é possível a este sujeito por meio da tecnologia assistiva. Assim, o sujeito cego e na terceira idade, com o suporte da tecnologia assistiva, coloca-se como um agente social que, criativamente, pode ser capaz de criar e mudar coisas. É este o exemplo da *Dorina*.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Tecnologia Assistiva**. Subsecretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Comitê de Ajudas Técnicas. Brasília: CORDE, 2009. Disponível em: <<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/livro-tecnologia-assistiva.pdf>> Acesso em: 07 mar. 2019.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **TIC Domicílios 2016**. Pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos domicílios brasileiros - TIC Domicílios 2016. São Paulo, 2017a. Disponível em: <[https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC\\_DOM\\_2016\\_LivroEletronico.pdf](https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_DOM_2016_LivroEletronico.pdf)>. Acesso em: 07 mar. 2019.

CRUZ, Daniel Marinho Cezar da. **Papéis ocupacionais e pessoas com deficiências físicas**: independência, tecnologia assistiva e poder aquisitivo. São Carlos: UFSCar, 2012. 229f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, 2012.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

DINIZ, Débora; BARBOSA, Livia; SANTOS, Wederson Rufino dos. Deficiência, Direitos Humanos e Justiça. **SUR - Revista Internacional de Direitos Humanos**, São Paulo, v.6, n.11, p.65-77, dez. 2009.



INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010**. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. 2010. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/pt/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=794>> Acesso em: 07 mar. 2019.

INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA (IFB). Página inicial. Ceilândia. **Campus oferece 25 vagas em curso de Espanhol para a terceira idade**. 04 out. 2018. Disponível em: <<http://www.ifb.edu.br/campus-ceilandia/18846-campus-oferece-25-vagas-em-curso-de-espanhol-para-a-terceira-idade>> Acesso em: 07 mar. 2019.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Tradução de Fabio dos Santos Creder Lopes. Petrópolis: Vozes, 2011.

MAGALHÃES, Izabel. Discursos e identidades de gênero na alfabetização de jovens e adultos e no Ensino Especial. **Calidoscópico**, São Leopoldo, v.6, n.2, p.61-68, mai./ago. 2008.

MAGALHÃES, Izabel; MARTINS, André Ricardo; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de Discurso Crítica**: um método de pesquisa qualitativa. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2017.

MARQUES, Ivoneide Bezerra de Araújo Santos; KLEIMAN, Angela Bustos. Letramentos e tecnologias digitais na educação profissional e tecnológica. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, Natal, v.2, n.15, p.1-20, dez 2018.

PEREIRA, Danilo Moura; SILVA, Gislane Santos. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) como aliadas para o desenvolvimento. **Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas**, Vitória da Conquista, v.7, n.10, p.151-174, jul./dez. 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. Porto: Afrontamento, 1994.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. Porto: Afrontamento, 2000.

SILVA, Lucielem Chequim da. **O design de equipamentos de tecnologia assistiva como auxílio no desempenho das atividades de vida diária de idosos e pessoas com deficiência, socialmente institucionalizados**. 2011. 103f. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SONZA, Andrea Poletto; FÉO, Fabíola; PAGANI, Josiane. Necessidades educacionais especiais. In: SONZA, A. P. *et al.* (Org.). **Acessibilidade e tecnologia assistiva**: pensando a inclusão sociodigital de PNEs. Bento Gonçalves: Instituto Federal do Rio Grande do Sul Campus Bento Gonçalves, cap.2, p.67-154, 2013.

SOUZA, Juliana Campos Sabino de; OLIVEIRA, Alan Pires; VIEIRA, Lucas Martins Mendes; SANTOS, Raphael de Sousa Silva dos; PIRES, Jaied dos Santos. Curso de informática básica para a 3ª idade do PROEXT: inclusão digital na 3ª idade. In: **Caderno de Resumos da Semana de Produção Científica**, 7., 2017. p.209-210. Brasília: Editora IFB, 2017.



STREET, Brian V. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. (Trad.) BAGNO, Marcos. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TAVARES, Marília Matias Kesting; SOUZA, Samara Tomé Correa de. Os idosos e as barreiras de acesso às novas tecnologias da informação e comunicação. **Novas Tecnologias na Educação**, Porto Alegre, v.10, n.1, jul. 2012.

Submetido em: **07/03/2019**

Aceito em: **05/05/2020**